



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12829 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

VAZAMENTOS CURRICULARES: O CUIR CONTRA-COLONIAL

William Roslindo Paranhos - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

VAZAMENTOS CURRICULARES: O CUIR CONTRA-COLONIAL

Resumo: Partindo do pressuposto de que o currículo é um algo estável e, possivelmente, imutável, a proposta deste texto é criar uma lente para teorizações outras que nos leve, inclusive, a questionar sua própria formação. Deste modo, apresento o cuir (*queer*) em sua forma localizada, constituído nas ancestralidades e potencializado pelos deslocamentos em torno do sentir, pensar e saber, movimentos estes que se aproximam, sobremaneira, da contra-colonialidade. Ambas perspectivas provocam vazamentos curriculares, criando fissuras na normalidade e instituindo-se enquanto exercício contraproducente que não altera o curso de nada, mas que possibilita a criação de territórios outros para o exercício de um senti-pensar crítico e pautado nas experiências.

Palavras-chave: Cuir, Contra-colonial, Currículo, Educação.

Introdução

A discussão que proponho aqui não se relaciona com o mérito das questões, ou seja,

com a determinação daquilo que possa estar correto ou não. O convite que faço é para (re)pensarmos as perspectivas que produzem as lentes pelas quais lemos o mundo e, inclusive, da educação e do currículo. Por que pensamos assim? O que nos leva a produzir determinadas reflexões? De onde surgem nossas conclusões?

De maneira muito sintética e direta, a hipótese recai sobre a colonialidade que produz sujeitos desprovidos do “sentir”, “estar” e “pensar”, condicionados ao “fazer”, “produzir” e “reproduzir”, além de definir o que se considera enquanto saber, localizando dicotomicamente o conhecimento em oposição ao objeto do conhecimento. Em face deste movimento, inúmeras construções teóricas foram edificadas, na tentativa de criar novas possibilidades de interpretação e compreensão das *práxis* colonizadas.

Não há como escaparmos das estruturas rígidas coloniais. Elas existem e, muito provavelmente, sempre existirão (RANNIERY, 2022). A ideia é “vazarmos” através de um ato criativo insurgente que institua formas outras de perceber o contexto em que estamos inseridos, e o qual produzimos, por meio de uma “pedagogia relacional” (FERRERA-BALANQUET, 2015, p. 42) que possibilite um movimento de “aprender a desaprender para reaprender de outra maneira” (MIGNOLO, 2015, p. 7), levando-nos a questionar, inclusive, os marcos interpretativos no que tange sua colonização, conforme indica Miñoso (2015). Em síntese, é pensarmos em “[u]ma teoria da não Teoria, [...]” (PEREIRA, 2015, p. 413)

Assim, unindo-me aos esforços de Ranniery (2017), “[i]ntento, pois, apontar para como os sentidos de *queer* projetam esperanças sobre o estatuto político da educação e como o evento da teoria “*queer*” torna-se a negociação de instâncias” (p. 22, grifos meus) e, indo além, promovo fraturas em sua própria estrutura - já, por vezes, colonizada - acreditando na possibilidade de um cuir contra-colonial que não substitua o currículo, mas que proporcione formas e maneiras outras de compreendê-lo, partindo do pressuposto de que é este um campo que constitui-se no “deixar-se interpelar e ser tocado, [no] desfazer-se na relação com o mundo” (MACEDO; MILLER, 2022, p. 12).

Antes de seguirmos, permitam-me fazer um apontamento: neste breve texto não trarei definições metodológicas. Este é, para mim, um exercício contra-colonial, pois “[n]ão há necessidade, fora da modernidade/racionalidade, de obtermos um termo e uma expressão para cada coisa ou acontecimento” (MIGNOLO, 2015, p. 12, traduzido pelo autorie). Obviamente busco um norte nas escritas que unem-se ao meu sentir, fazendo questão de reconhecê-las. Porém, me lanço à possibilidade de, no exercício da escrita e da pesquisa, minimamente, exercitar uma prática cuir contra-colonial.

Fratutando o *queer*: a proposta de um cuir contra-colonial

O pós-colonialismo propõe, de maneira sintética, uma análise aprofundada dos efeitos políticos, culturais e filosóficos que tornaram-se uma ferida aberta em virtude das violências coloniais, ferida esta que sangra tanto nos países colonizados quanto nos colonizadores, mesmo que os segundos, não raro, não o percebam (MIÑOSO, 2015). O colonialismo institui um regime com pretensões universalistas, generalistas e imperialistas, onde os discursos se articulam a fim de garantir que tudo se torne resultado e produto de suas criações.

O “nascimento” do *queer*, enquanto *queer*, se dá, primeiramente, no espaço dos movimentos sociais europeus e norte americanos que buscam romper com as rígidas estruturas normatizadoras das sexualidades, dos gêneros e, por fim, das identidades - ou processos de identificação -, culminando no descentramento dos sujeitos (FIGUEIREDO, 2015). No segundo momento, o *queer* chega à academia e torna-se uma teoria que, aos poucos, normatiza-se e assume a postura canônica universalista (PEREIRA, 2015). O *queer* não nasce colonial, mas torna-se colonial no instante em que é granjeado pelo progresso euro americano que, em si próprio, ramifica-se com base na colonialidade, instituindo-se enquanto grande centro do mundo (PEREIRA, 2015).

Na Latinoamérica, de modo geral, e no Brasil, mais especificamente, o *queer* desembarca após uma viagem em primeira classe. A partir dos estudos de uma academia higienizada, bastante assimilacionista, que regozija-se ao beber na fonte soberana do Norte (DE PERRA, 2014), o *queer* já “nasce grande”, dotado de maioridade e, em decorrência, possuidor de um “T” maiúsculo (GRUNVALD, 2017; PEREIRA, 2015). Falamos em uma “T”eoría “Q”ueer que é produzida pelas elites acadêmicas com foco nas elites acadêmicas, substancialmente afastada de sua estrutura primeira, oriunda dos movimentos sociais, potencialmente subversiva e contra-hegemônica. Nas palavras de Torres e Fernandes (2021), “[u]ma teoria deslocada pensando em corpos deslocados da teoria” (p. 7).

Porém, se tratando o *queer* de uma proposta que busca dar voz aos conhecimentos abjetos e subalternizados (TORRES; FERNANDES, 2021, SPIVAK, 2010) - assim como o cuir -, poderia ser esta uma prática epistemológica que invisibiliza os saberes ancestrais (MIÑOSO, 2015), cobrindo-se de um manto de disruptiva inovatividade? O cuir, enquanto movimento, já nos países de África ou da Latinoamérica, povoados por mestiços, chicanas, indígenas, travestis, pretas, pretes e pretos, mulheres e homens trans, bichas, veadinhos,

mariconas, lésbicas, sodomitas e pederastas, além daquelas que se nomeavam tão somente por conta da imposição colonial; uma multidão que (re)existia, localmente, através de seu andar erótico contra-colonial (FERRERA; BALANQUET, 2015), na busca por “relações de vida mais harmoniosas” (BISPO, 2015, p. 26). Em sua política de localização, o cuir propunha, mesmo antes de ser lido como tal, uma fratura nas/das lógicas normato-ontológicas que buscavam instituir essencialismos, naturalizações e, conseqüentemente, violências.

O conceito de contra-colonização abriga em si um par de opostos que percebe, de um lado, a colonização, que aglutina “os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra” (BISPO, 2015, p. 47-48) e, de outro, a contra-colonização, a qual trata dos “processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (BISPO, 2015, p. 48).

O aspecto territorial é definido por suas demarcações fronteiriças, onde podemos entrar, de onde podemos sair e nas quais podemos atravessar de forma concreta, objetiva ou subjetiva (PARANHOS; COSTA, 2023). Se estes recortes limítrofes, por si só, constituem-se em experiências sociais complexas, de maneira similar podemos criar representações outras que nos levem à construção, desconstrução e reconstrução, inteiras ou fragmentadas, das identidades contemporâneas (ANZALDÚA, 2005a).

Percebe-se que, em sua (re)existência auto-organizada, essa multidão cuir agenciava “relações entre conhecimentos ancestrais, experiência de vida e comunidades” (FERRERA-BALANQUET, 2015, p. 47-48) na defesa de suas variadas expressões político-culturais, como também de seus territórios (BISPO, 2015), questionando as violências perpetradas pelos discursos de imutabilidade e fixidez identitária e apresentando propostas criativas deslocadas que provocavam constantes (des)construções, assumindo uma postura contra-colonial. É neste instante que proponho a união de potências: o cuir contra-colonial.

Uma nova lente para ler o mesmo currículo: o cuir contra-colonial

No centro do currículo localiza-se uma disputa que vai além dos preceitos epistemológicos e que busca regulamentar um tipo de sociedade por meio das normatizações. Estas, por sua vez, constituem-se no exercício de concepções estáticas e universalistas que

orientam a construção de um currículo essencialista (LOPES; MACEDO, 2011), o qual prevê a manutenção de projetos colonialistas produtores de violências variadas, os quais reforçam os locais de poder.

A necessidade de pensarmos outras lentes que nos permitam ler o mundo e, mais especificamente, o currículo - enquanto educação -, emerge, analogamente, ao pensarmos na noção de performatividade, onde “o sujeito não se funda a si mesmo, que o eu não existe fora de normas de reconhecimento que o excedem e que o projetam para fora de si” (MACEDO; MILLER, 2022, p. 11). Traçando esse paralelo, é possível inferir que as teorias e teorizações não se fundam a si mesmas, que não existem fora das normas de reconhecimento que às excedem e que a projetam para fora de si. Deste modo, a maneira como teorizamos o campo do currículo nada mais é do que a expressão das formas com as quais fomos treinados e as quais seguimos reproduzindo sem nenhum tipo de questionamento.

Apesar das inúmeras tentativas de pensar um outro currículo, creio que, amparando-me nas leituras de Foucault em torno do poder, não há como fazê-lo. O currículo é, está posto, e não há como mudá-lo. A tarefa é a de pensarmos em estratégias contraproducentes (PRECIADO, 2014) que possibilitem criarmos vazamentos em sua estrutura rígida. Cogitar uma lente cuir contra-colonial para a leitura do currículo é uma forma de deslocar “a imaginação econômica da simples e direta colonização dos afetos e sua extração de valor pelo ‘neoliberalismo’ para enviesadamente expor redes de produção da vida” (RANNIERY, 2022, p. 16), criando “formas de viver com o outro e agir para ampliar as condições de vivibilidade” (MACEDO; MILLER, 2022, p. 12).

Cuir e contra-colonialidade unem-se levantando a bandeira do “viver e [do] expressar-se de maneira espontânea” (OCHOA, 2021, p. 82, traduzido pela autoria), experiências que rompem com os binarismos epistemológicos, desafiam as instituições e maneiras de compreender o mundo (DE PERRA, 2014), reconhecem nossa ancestralidade do sentir, pensar e saber (FERRERA-BALANQUET, 2015), questionam a maneira como temos sido/somos agentes ativos da razão colonial (MIÑOSO, 2015), reforçam “a necessidade de ‘desprendermos’ de tais ficções naturalizadas pela matriz colonial de poder” (MIGNOLO, 2015, p. 7, traduzido pela autoria), instituindo um pensamento pluralista territorializado, a elaboração e estruturação circular, a biointeração (BISPO, 2015) e o desenvolvimento do trabalho para (com)viver em envolvimento e relacionalidade

Conforme destacado por Macedo e Miller (2022), o currículo, em se tratando de um texto vivo, necessita da abertura, da infinitude que exija de nós um exercício constante de criar e recriar possibilidades outras que abriguem as diferenças em suas mais diversas formas. “Às

teorizações curriculares cabe apenas a tentativa de intensificar esses agenciamentos que rompem com a normalidade” (MACEDO; MILLER, 2022, p. 14), considerando o fato de sermos “uma mistura que prova que todo sangue é intrinsecamente ligado entre si, e que somos crías de almas similares” (ANZALDÚA, 2005, p. 712b), plurais, diversas, enquanto sujeitos críticos, senti-pensantes, com raízes na experiência e na ancestralidade.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera. The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Book, 2005. a

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nueva conciencia. *Revista Estudos feministas*, v. 13, p. 704-719, 2005. b

BISPO, Antonio. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília, DF: INCTI/CNPq/UnB, 2015.

DE PERRA, Hija. Interpretaciones inmundas de cómo la Teoría queer coloniza nuestro contexto sudaca, pobre, aspiracional y tercermundista, perturbando con nuevas construcciones genéricas a los humanos encantados con la heteronorma. **Revista punto género**, v. 4, p. 9-16, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5354/0719-0417.2014.36405>

FERRERA-BALANQUET, Raúl M. Navegar rutas erótica decoloniales rumbo a relatos ancestrales karibeños. *In: FERRERA-BALANQUET, Raúl M. et al. Andar erótico decolonial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015.

FIGUEIREDO, Ângela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 3, p. 152-169, 2015.

GRUNVALD, Vi. **cidade queer, uma leitora**. São Paulo: Edições Aurora / Publication Studio SP, 2017.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MACEDO, Elizabeth; MILLER, Janet L. POR UM CURRÍCULO “OUTRO”: autonomia e relacionalidade. **Currículo sem Fronteiras**, v. 22, p. 1-17, 2022.

MIGNOLO, Walter. Prefácio. *In: FERRERA-BALANQUET, Raúl M. et al. Andar erótico decolonial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015.

MIÑOSO, Yuderkys E. El futuro ya fue: una crítica a la idea del progreso en las narrativas de liberación sexo-genéricas y queer identitárias en Abya Yala. *In: FERRERA-BALANQUET, Raúl M. et al. Andar erótico decolonial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015.

OCHOA, Andrés E. Lo Queer y la moda disidente de géneros. **Cuaderno Javeriano de Comunicación**, n. 16, p. 79-87, 2021.

PARANHOS, William R.; COSTA, Cláudia M. I. “Curto uma pegação no sigilo”: o Grindr como território de subjetivações dos espaços de desejo. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 18, p. 176–196, 2023. DOI: 10.9771/peri.v1i18.49899.

PEREIRA, Pedro P. G. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 5, n. 2, p. 411-411, 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual: Políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014, 223 p.

RANNIERY, Thiago. No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 19-48, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.02.a>

RANNIERY, Thiago. ONDE ANDARÃO AS BICHAS LOUCAS?. **Currículo sem Fronteiras**, v. 22, p. 1-27, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v22.1158>

TORRES, Igor L de S.; FERNANDES, Felipe B. M. QUEER (NEO) COLONIAL: COLONIALIDADE E TEORIA QUEER NO BRASIL. **Revista Gênero**, v. 22, n. 1, p. 1-31, 2021.